

***“Zama” de Antonio Di Benedetto (1956):
uma ficção de anti-fundação da América Latina?***

Livânia Régia da Silva Martins¹
Juan Pablo Martín Rodrigues²

Introdução

Ao longo do tempo a literatura na América latina, inicialmente, com a colonização, revela conflitos de imaginários entre os povos, espaço e tempo das narrativas. Nesse sentido, este trabalho pretende analisar a trajetória do protagonista don Diego de Zama, e refletir como é elaborada a ficção de anti-fundação da América Latina. É através do desvelamento dos estereótipos configurados pelas ficções que fundam o pensamento latino-americano, em inícios das “Independências”, que Di Benedetto em *Zama* desconstrói o homogêneo contexto das narrativas propagadas nesse tempo ao expor o seu anti-herói protagonista e narrador “Un hombre sin miedo, con una vocación y un poder para terminar, al menos, con los crímenes. Sin miedo.” (DI BENEDETTO, 1956, p. 20) Percebemos a exposição de um homem que não consegue provar sua bravura nas páginas da ficção, porém desnuda suas desventuras e fracassos.

“El enérgico don Diego de Zama” é o protagonista da narrativa *Zama* do argentino Antonio Di Benedetto publicada em 1956. A ficção é considerada como a obra prima maior do escritor, jornalista e crítico de cinema mendocino. A trama está ambientada nas fronteiras da Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Bolívia, em tempos finais do último vice-reino da Argentina e inícios das “independências” dos países da América Latina. A narrativa supracitada faz parte de uma trilogia da espera, segundo nomeia José Saer (1999) afirma no prólogo de *El silenciero*. A trilogia da espera de Di Benedetto é composta por *Zama*, *El silenciero*, publicada em 1964 e *Los suicidas* publicada em 1966.

Juan José Saer, através de suas críticas, contribuiu para a expansão da recepção das obras de Antonio Di Benedetto, e reflete sobre a novela histórica a qual não encaixa *Zama* como trama característica, porém, aponta questões históricas dentro do contexto da ficção:

Zama es superior a la mayor parte de las novelas que se han escrito en lengua española en los últimos treinta años, pero ninguna buena novela latinoamericana es superior a Zama. Se ha pretendido, a veces, que Zama es

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Contato: livaniaregia@hotmail.com

² Professor Dr. do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Contato: jpabloburgos@gmail.com

una novela histórica. En realidad, lejos de ser semejante cosa, Zama es, por el contrario, la refutación deliberada de ese género (SAER, 2014, p. 44).

O crítico destaca a escrita de Di Benedetto como autor que constrói através de uma habilidade técnica um estilo próprio. Nesse caso, a abordagem focada no doutor dom Diego de Zama se ancora no horizonte crítico existente e amplia as discussões ao pensar temáticas que também contribuem para o enriquecimento da fortuna crítica ao investigar a jornada do protagonista sob o viés da ficção de anti-fundação latino-americana.

Para tanto, é emblemático ressaltar a contribuição das análises de Doris Sommer, ao explorar as narrativas que a teórica conceitua como ficções fundacionais: “Como consecuencia, las historias latinoamericanas del período de construcción nacional tienden a ser más proyectivas que retrospectivas, más eróticas que fieles a los eventos.” (SOMMER, 2004, p. 44). Em *Zama* notamos que a projeção encontradas nas análises das ficções fundacionais por Sommer são fracassadas pelas peripécias de Diego de Zama:

“Tal vez ese Zama que pretendía parecerse al Zama venidero se asentaba en el Zama que fue, copiándolo, como si arriesgara, medroso, interrumpir algo” (DI BENEDETTO, 1956, p. 21).

A partir da narrativa supracitada é possível refletir sobre a estética neobarroca sob à luz das discussões de Ommar Calabrese (2012), uma vez que *Zama*, na contra mão das narrativas que fundam o pensamento da América Latina, todavia incorpora a tentativa de alcançar o que a idealização alicerçada pelas ficções fundacionais almejam. Nesse percurso esteticamente em *Zama* encontramos uma distopia do passado que tenta reconstituir. Nessa perspectiva a reflexão de Benedict Anderson (1983) a partir da questão da comunidade imaginada que o protagonista Diego de Zama também está atrelado, porém com uma consciência diferente: “Consideraba que, en esta tierra llana, yo parecía estar en un pozo. Me lo dije una vez, y más de una, lo dije a otros, descuidándose de lo que todos sabían: que fui gallo de riña o al menos dueño de reñidero” (DI BENEDETTO, 1956, p. 10).

As provocações de Ana Pizarro (1987) sobre a literatura na América Latina será considerada para pensar o contexto da literatura latino-americana, uma vez que sempre esteve relacionada a camadas privilegiadas em sua difusão de realidades, porém através de *Zama* o cenário da literatura perpassa as ideias discutidas por Alicia Poderti (2020) quando vislumbra o cenário particular do noroeste argentino pautado na arte literária. Finalmente, provocar reflexão sobre a narrativa de ficção anti-fundacional amplia um horizonte de possibilidades para pensar o passado, entender o presente e vislumbrar o futuro da América Latina e consideramos *Zama* uma emblemática ficção para a identidade latino-americana em sua anti-

fundação, pois a narrativa do fracasso estabelece novos rumos para pensar a crítica literária e seus imaginários sobre sociedades.

Notas: ficção fundacional e presságios da ficção anti-fundacional latino-americana

No começo do século XIX, quer dizer, na emergência da Revolução Industrial, havia uma reconfiguração no mapa econômico e político no Ocidente, inclusive, no interior das antigas colônias do período mercantil. Com o liberalismo econômico do capitalismo industrial, o pacto colonial, que obrigava as relações assimétricas entre metrópole e colônia, acaba por entrar em profunda e irremediável crise. A Independência das possessões ibéricas na América Latina é uma expressão desse processo. Nesse contexto, a ficção fundacional representava, no plano estético, a ideologia nacional emergente.

Para Sommer (2004), a construção de narrativas que elaboram padrões de vida idealizados sob a busca pela identidade nacional recebe o conceito de ficções fundacionais. A teórica, em seu livro *Ficciones Fundacionales*, apresenta diversas análises de obras da literatura em que a linearidade e o processo de romantização do mundo aparecem evidenciados durante a construção da identidade de países da América. Na América Ibérica, o Romantismo transformou-se em uma expressão estética do nacionalismo dos Estados-Nação que surgiam com a derrocada do Império. No Brasil, *Iracema* é um grande exemplo de romance fundacional, inclusive citado por Sommer (2004). Na América latina de expressão hispânica, destaca-se a obra fundadora do romance argentino, *Facundo: civilización y barbarie*, de Domingo Sarmiento.

Inevitavelmente, o ato de explicar o panorama narrativo de fins do século XIX e século XX configura parte de uma revisitação necessária para alcançarmos a visão da narrativa de Di Benedetto. Passa pela distância que separa as ficções fundacionais, das ficções anti-fundacionais, ou seja, da emergência dos Estado-Nação latino-americanos, que cultivavam a estética romantizada da vida e a literatura moderna que critica os arroubos idealistas do século XIX. Estamos diante de um contexto sociocultural no qual o narrador apresenta características que o ligam a discussões do meio midiático que consolida os escritos do século XX e finais do século anterior. Ao pensar os narradores do tempo supracitado recorreremos a Alicia Poderti em *Historia Socio Cultural de la Literatura el Noroeste Argentino: Colonia-Siglo XX* (2020):

Las técnicas de los narradores libertarios de Argentina contribuyeron a un recorte literario de núcleos temáticos. Los referentes del folletín de contenido militante y la razón de ser del movimiento anarquista eran la ciudad, el suburbio, el conventillo, la inmigración, la fábrica, la miseria obrera, la situación de la mujer, los abusos de los poderosos, la infancia abandonada, los desencuentros familiares producidos por los cambios sociales (PODERTI, 2020, p. 85).

Segundo Poderti (2020), esses narradores apresentam objetivos que denunciam as mazelas socioculturais e impulsionam tentativas de mudanças de postura através de atos que designam uma tensão contra injustiças. São narrativas, construídas em formato de folhetins, inspiradas nas repressões articuladas pelo poder privilegiado, diante de um século conturbado pela formação de identidades em busca de ideias libertárias. Nessa lógica Pizarro reflete: “El discurso literario del continente aprehende, en tanto que espacio simbólico, estas diferenciaciones regionales, sus superposiciones, las contradicciones de la histórica pugna entre ‘modernidad’ y ‘retraso’” (PIZARRO, 1987, p. 18).

Nesse ambiente do século XX, nasce o enredo narrado por dom Diego de Zama que apresenta, através de seus fluxos de consciência, uma trama em que, emblematicamente, se levantam possibilidades para pensar a identidade latino-americana em suas dinâmicas de identificação e não-pertencimentos em suas continuidades fraturas. Com efeito, o continente apresenta percurso histórico e sociocultural que cria uma similitude entre suas várias realidades regionais, no entanto, essas homogeneizações aparecem paralelamente às expressões da realidade de cada espaço simbólico formado pelo Estado-Nação que surge no território antes organizado pelo poder homogeneizante das metrópoles.

Acreditamos que as influências dessas narrativas condicionadoras de padrões de vida que Sommer (2004) conceitua como “ficções fundacionais” apresentaram conjunturas para a formação da identidade dos países recém “Independentes” da América Latina. Arelada a esse argumento o historiador Benedict Anderson em seu texto *Comunidades Imaginadas* (1989) afirma:

Podrá entenderse mejor la importancia de esta transformación, para el surgimiento de la comunidad imaginada de la nación si consideramos la estructura básica de dos formas de la imaginación que florecieron en el siglo XVIII: la novela y el periódico. Estas formas proveyeron los medios técnicos necesarios para la “representación” de la clase de comunidad imaginada que es la nación (ANDERSON, 1989, p. 46-47).

Pensar a propagação dessas narrativas com a projeção dos meios de comunicação de massa estabelece uma elasticidade às pesquisas que tentam entender a formação do pensamento latino-americano, uma vez que sob o espelho forjado da Europa e Estados Unidos são conduzidas as formas de ser, fazer e estar na sociedade até os dias de hoje. Ao

relacionarmos aos estudos literários e a crítica no sentido do controle do imaginário, estamos de acordo com os argumentos de Sommer quando expõe:

La pasión romántica, según mi interpretación, proporcionó una retórica a los proyectos hegemónicos, en el sentido expuesto por Gramsci de conquistar al adversario por medio del interés mutuo, del “amor”, más que por la coerción¹⁶. Las resonancias amorosas de la “conquista” son absolutamente apropiadas, porque era la sociedad civil la que debía ser cortejada y domesticada después de que los criollos conquistaron su independencia (SOMMER, 2004, p. 22-23).

Quando analisamos *Zama*, especificamente, a trajetória do protagonista e narrador doutor dom Diego de Zama, que vivencia finais do último vice-reinado da Argentina, em um tempo de recém “Independências” de países da América Latina, apreendemos um contexto que destoa das ficções fundacionais. Nessa narrativa a sociedade apresenta ressonâncias de um fracasso em processo contínuo através das peripécias do funcionário letrado Diego de Zama. Nesse caso, percebemos cenários que não aparecem nas páginas das ficções fundacionais disseminadas pela propaganda das narrativas apaziguadoras de espíritos leitores, pois a hegemonia é descaracterizada pelas fronteiras das etnias e idealizações fracassadas na convivência. Nessa perspectiva, partir de uma reflexão sobre a literatura do noroeste da Argentina Alicia Poderti considera:

La historia de la literatura latinoamericana será enriquecida en la medida en que se sustancie el aporte que pueda verificarse desde la microhistoria de las literaturas regionales, en lo que respecta al esclarecimiento de sus problemáticas centrales. De este modo se integra al proceso de la historia literaria latinoamericana una literatura argentina que opera desde una de sus áreas de pertenencia -la región del NOA (PODERTI, 2020, p. 3).

A ficção de anti-fundação, nesse sentido, está atrelada ao específico, que reflete um contexto continental,orm como constatamos em *Zama* está ligada a questões que desvelam e trazem a luz do leitor horizontes que não foram visitados pelas ficções fundacionais, uma vez que nas narrativas que controlam as sensações através de um final sempre transgressor, por isso feliz por meio de uma didatização de formas para lidar com os problemas cotidianos. Em *Zama* prevalece o vago que destaca a categoria da estética neobarroca de Ommar Calabrese: “La percepción del discurso y de los objetos representados en el discurso, se hace vaga, indefinida, indistinta.” (CALABRESE, 1999, p. 179) Na ficção fundacional não encontramos dogmas para pensar a vida no contexto descrito pelo protagonista-narrador, por isso são descortinadas situações complexas ao longo da narrativa, o que para as ideias de Dussel há uma conexão com o pensamento da liberação:

La aparente fealdad del rostro del oprimido, el ajado rostro del campesino, la endurecida mano del obrero, la cara tosca de la mujer del pueblo (que no puede comprar la cosmética de la belleza vigente), es el punto de partida de la estética de la liberación, porque es la interpelación que revela la belleza popular, única belleza no dominadora y liberadora de la belleza futura (DUSSEL, 2013, p. 149).

A particularidade que é desvelada nas páginas da narrativa de ficção de anti-fundação amplia as possibilidades de apreender a atmosfera submersa pelo protagonista de *Zama*. O rosto, ações e dilemas do subordinado colonial é desmascarado, bem como a condição das relações de poder. A filosofia da liberação refletida por Dussel, como inferimos no fragmento citado acima é constatada como uma estética literária de *Zama*. A ficção de anti-fundação, como filosofia da contra-conquista envolve Zama no vazio existencial, que para Carlos Fuentes:

El vacío fue llenado por el barroco doloroso del Nuevo Mundo, respuesta formal de la naciente cultura hispanoamericana a la derrota de la utopía de la invención de América y a la épica de su conquista: derrota compartida de Moro y Maquiavelo, del deber ser y del querer ser, del deseo y de la voluntad (FUENTES, 2011, p. 33).

No nada nasce e finaliza a narrativa de *Zama*. O vazio é o recurso que transborda as desventuras do personagem principal. Diego de Zama, como um personagem barroco, escrito sob o tempo moderno está em conflito constante com as façanhas geradas pelo controle de um tempo que antecede o aprofundamento do fracasso. É nos momentos finais de último vice-reinado da Argentina que o don Diego de Zama aos poucos reconhece seu condicionamento, e por outro lado, aliado a sina do protagonista, o leitor ativo tem espaço para confirmar perspectivas de um “não ser”, como a figura de Zama, em conflito com realidades complexas em um contexto intercultural.

***Zama*: uma ficção anti-fundacional latino-americana**

“Pero nosotros y la ciudad estaban de por medio los soldados y las bestias. Nada más me quedaba, como posibilidad, que mirar adelante” (DI BENEDETTO, 2009, p. 215).

Zama é uma ficção de Antonio Di Benedetto que expõe a história de uma anti-herói funcionário letrado da coroa espanhola em seus últimos momentos na Argentina. Um homem idoso, cheio de dilemas e condicionado ao controle do poder colonial vaga como protagonista e narrador da ficção que descaracteriza imaginários comuns sob a óptica das ficções que idealizam e disseminam padrões de vivenciar o mundo. A jornada desse protagonista o destaca como um anti-herói, pois suas peripécias são construídas por um encadeamento de fracassos e constatação do seu condicionamento naquele tempo-espço:

Un esclavo joven informó que el señor ministro se hallaba en su estancia de Villa Rica y no regresaría hasta pasado un mes. Hice manifiesta una inteperante decepción, con voces algo elevadas de tono que provocaron miradas de estupor de mi acompañante. No me iba y requería mayores explicaciones. El oriental me tironeó discretamente de la manga y, antes que él malograrse mi plan y en vista de que nadie desde adentro venía en mi colaboración, me decidí y ordené:

-Di a tu señora que aquí está, presentado por don Diego de Zama, un caballero de Montovideo, que debe regresar muy pronto a su patria y desea ser atendido por el señor ministro.

El *cunumí* se retiró dejando entornada la puerta, en acto de precaución (DI BENEDETTO, 2009, p. 41).

Zama nunca conseguiu alcançar seu desejo de regressar a Montivideo. Nessa narrativa ficcional, as ruínas da América latina aparecem durante a jornada do protagonista-narrador de *Zama*, através de uma descontinuidade ao fissurar indícios da “história oficilizada” por ficções idealizadoras da vida como forma de controle social, nesse sentido, o fragmento destacado permite ao leitor visualizar um cenário intercultural uma vez que, indígenas, oriental, negros e europeus convivem sob as bases de uma hierarquia de poder, em que os direitos não existem para as camadas inferiorizadas, a essas pessoas a servidão é imposta pelos privilegiados, e Diego de Zama expõe tais condições:

Era el fracaso de mis propósitos. No obstante, si Luciana me aceptó tan franca y prontamente, algo le había sugerido yo distinto de los demás hombres, de los que ella despreciaba. ¡Es que yo era el hombre virtuoso del discurso de don Godofredo Alijo! Me adapté, pues, a esta fantasía, conformándome con sostenerla en ella para encubrir de elegancia una retirada que consideré cercana en el tiempo (DI BENEDETTO, 1956, p. 64).

Ser o que o europeu considerava virtuoso é aspecto importante para o protagonista, pois para fazer parte de alguma forma dessa classe privilegiada é necessário essa consciência adaptada, que Zama revela como um dilema, pois não corresponde com um encaixe fixo nesse lugar como parte dessa sociedade que controla. Diego de Zama transita entre a fantasia e contestamentos dessa condição e ao mesmo tempo reconhece: “Entonces, pensando que él se hallaba entre nosotros y nosotros padecíamos necesidades, fatigas, tropiezos y muertes por encontrarlo, se me ocurrió que era como buscar la libertad, que no está allá, sino en cada cual (DI BENEDETTO, 1956, p. 239).

O periodismo aparece como um suporte privilegiado para a difusão do imaginário nacional idealizado com novelas de ficções. Essa realidade comum aos recém Estados-Nação do continente apresentava fortemente a relação entre o universal das ideias libertárias ou conservadoras no campo do debate político e o particular de cada realidade nacional apresentada no jornal. Não é por acaso que a personagem de *Zama*, ficção anti-fundacional, é a figura de um jornalista do século XIX (ANDERSON, 1989, p. 62-63).

As ficções de fundação da América Latina conduziram, por suas narrativas, um papel estratégico nas mudanças do imaginário sociocultural. Assim reverberou o horizonte para além das fronteiras espaciais onde tais novelas estavam ancoradas. Por outro lado, inconscientemente ou conscientemente, *Zama* (1956) nasce pelas mãos do primeiro jornalista perseguido, na história da Argentina, pela ditadura de Jorge Videla, que, ao estabelecer sua tirania através do discurso “contra a corrupção”, tenta silenciar o escritor, assim como Di Benedetto silencia, metaforicamente, a dom Diego de Zama no desfecho de sua história. No romance, as personagens que representam os marginais da sociedade platense, como indígenas, pretas e orientais aparecem silenciados no interior da narrativa, enquanto periféricos e vítimas de violências.

O jornalista disponibiliza um panorama narrativo, em *Zama* (1956), que insinua novas formas de visualizar o fim do período colonial na América Latina, ao expor em sua obra considerada obra-prima latino-americana, sob o viés de fluxos de consciência de um sujeito constrangido e vencido pela realidade social. A decepção de sua mão, ao fim da narrativa, é uma imagem profunda da sua passividade e fracasso. É possível relacionar chaves de leitura ao texto do brasileiro Glauber Rocha:

A pobreza é a carga autodestrutiva máxima de cada homem e repercute psiquicamente de tal forma que este pobre se converte num animal de duas cabeças: uma é fatalista e submissa à razão que o explora como escravo. A outra, na medida em que o pobre não pode explicar o absurdo de sua própria pobreza, é naturalmente mística (ROCHA, 2013, p. 2).

Ao relacionar o texto Eztetyka do sonho ao protagonista, percebemos que Diego de Zama tenta explicar o absurdo da pobreza repercutida das relações coloniais. Revela, assim, as fronteiras de um mundo, que não são fixas em seu aspecto sociocultural, bem como as espaciais, uma vez que se trata de uma narrativa que está contextualizada entre os países do último vice-reinado da América Latina.

E, nesse sentido, Di Benedetto apresenta em seu enredo a convivência de diversas cosmovisões, ao atravessar o século XX para o contexto de fins do século XVIII. Ao sobrevoarmos as tensões do século XX, percebemos condições oriundas dos espectros das questões trazidas pelo Pós-Guerra que obras como *Zama* representa. Eric Hobsbawm (1995) publica o livro *Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)*, que reflete o contexto da América Latina e da Europa que perpassa a expressão artística do tempo e do espaço:

A Paris dos surrealistas é também um pequeno “universo” [...] No maior, o cosmo, as coisas não parecem diferentes. Também ali há encruzilhadas onde

sinais espectrais lampejam no trânsito, e inconcebíveis analogias e ligações entre fatos são a ordem do dia (HOBSBAWM, 1995, p. 778).

Identificamos, nesse viés, que o século XX, conhecido pelo contexto das guerras de trincheiras, desencadeou profundas tensões no panorama da história da humanidade, uma vez submersa pelas tensões de poderes. Eis o cerne da questão latente ao imaginário: as tensões factuais. Nesse contexto, o *boom* da literatura latino-americana eleva o discurso contra as narrativas que romantizam o período colonial, refazendo as narrativas idealistas da formação social do continente como é caracterizada a ficção supracitada de Di Benedetto que curiosamente, não foi disseminada como parte das narrativas do *boom*, discussão essa pertinente a uma nova investigação e análise.

Considerações finais

Zama, Di Benedetto expõe os caminhos trilhados por um narrador-protagonista não-sujeito da sua história e assim produz a diferença. Um sobrevivente de um não-lugar, sob uma atmosfera sem direitos de ser e viver seu devir, desse modo, alcança um horizonte estético monstruosamente truncado, ao relacionarmos as narrativas de ficção fundacionais ambientadas no mesmo tempo e espaço da América Latina. Com o intuito de problematizar o imaginário descortinado pelo “mirón”, o presente estudo propôs uma análise do protagonista que sobrevive dentro de uma comunidade imaginada, porém, realiza uma releitura dos finais de último vice-reinado da América Latina. Em suma, há indícios de que *Zama* (1956) apresenta-se como uma narrativa importante para pensar a identidade do ser latino americano, sendo assim, provocar reflexão sobre a novela de anti-ficção parece ampliar um horizonte de possibilidades para pensar o passado, entender o presente e vislumbrar o futuro da América Latina.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Ed. Companhia das Letras, 2008.
- CALABRESE, Omar. **La era neobarroca**. Cátedra, 1999.
- DI BENEDETTO, Antonio. **Zama**. Buenos Aires: Ed. Adriana Hidalgo, 2009.
- DUSSEL, ENRIQUE. **Filosofia de la cultura y la liberación**. Buenos Aires: Docencia, 2012.
- DUSSEL, Enrique. **Siete hipótesis para una estética de la liberación**. Cuadernos Filosóficos. Segunda Época, XIV, 2017.

FUENTES, Carlos. **La gran novela latinoamericana**. Alfaguara, 2011.

FIGUEREDO. **Conceitos de literatura e cultura**. 2010.

PIZARRO, Ana *et al.* **Hacia una historia de la literatura latinoamericana**. 1987.

PODERTI, ALICIA. **Historia Socio Cultural de la Literatura el Noroeste Argentino: Colonia-Siglo XX**. CONICET-UBA. 2020.

ROCHA, Glauber. **Eztetyka do sonho**. 2013.

SAER, Juan José. **El concepto de ficción**. Ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2014.

SOMMER, Doris. **Ficciones fundacionales: las novelas nacionales de América Latina**. Colombia, Bogotá: Ed. Fondo de Cultura economía, 2004.